

O CONTO DA ESTRELA

Era uma vez... não era dia nem noite, não era verão ou inverno, primavera ou outono, não era nada, era apenas escuridão, não havia tempo, não havia frio ou calor, não havia sopro de vida, nenhum coração batia naquele sórdido lugar, a existência era somente uma presença desuniforme e inconstante, como uma massa de desejos, desejos de ninguém, não havia ser para sonha-los. Assim como em um instante nada havia, em outro houve luz, um feixe espontâneo e inexplicável surgiu do inconsistente nada, um feixe ardente como fogo, junto dele um som ensurdecedor, rítmico e grave, o som de batidas de um coração, como pudera um coração bater quando nada havia? Pois agora havia sim algo, havia luz e a luz era vida, era estrela, era a existência que finalmente tornara-se algo. À medida que as batidas ecoavam a claridade tomava forma, primeiro ganhara pernas, esculpidas como as colunas do mais belo templo que poderia ser feito, as pernas passaram a sustentar um corpo, ele era como uma ampulheta, possuía braços finos e logo uma cabeça surgiu sobre o pescoço recém criado, o rosto mais terno de todas as eras surgira, a luz se tornara mulher, seus cabelos brancos se arrastavam como um tapete do mais macio algodão, estava nua, coberta pelos resquícios da luz, a cada passo que a criatura de luz dava pelo vazio um belo jardim de ouro, pérolas, esmeraldas e rubis surgia ao seu redor, flores coloridas brotavam ao seu redor como se afrontassem a pele extraordinariamente branca da estrela. O nada agora era tudo, o vazio estava ocupado, o silêncio dera lugar à voz da mulher, que agora cantava, um som de louvor ao que criara, sua voz soava como um coro de um milhão de outras vozes quando finalmente cessara sua canção o tempo começou a correr, as palavras dia e noite finalmente ganharam um significado, entretanto não havia ninguém para o contemplar.

Agora o vazio não estava mais externo, tornara-se interno, parte da estrela, sentia-se incompleta, algo lhe dizia que sua criação não estava completa, arrancou um fio de seu cabelo e lançou ao ar, no mesmo instante o céu se tornou um farfalhar de asas de incontáveis pássaros brancos. O fio agora fora lançado ao chão que borbulhou de vida animais de todas as espécies o cobriram e se espalharam por toda a extensão do jardim tornando o silêncio uma sinfonia de seus sons. Direcionara o terceiro e último fio para a água que teve seu azul maculado por um arco-íris de peixes. O que um dia fora tornara-se agitação, o calor de vida agora cercava a irreverente mulher que dera um suspiro de satisfação, de seu respirar surgiram pequenas criaturas coloridas e delicadas voando ao seu redor, ela as chamou de borboletas, o fruto de sua alegria. Sentia-se agora completa, poderia agora descansar em paz, então se repousou sobre o campo de dentes-de-leão que nasciam na direção do alvorecer, fechou seus olhos brilhantes e sonhou nos seus sonhos uma luz surgia e caminhava em sua direção. À medida que a estrela observava a misteriosa luz tomava a forma de outra mulher, esta era alta, magra e com cabelos vermelhos como fogo em ardentes chamas descendo sobre o contorno de seu tronco, a misteriosa mulher de cabelos abrasadores caminhara até a estrela, a tomara pelas mãos e dissera “Você deu a luz à existência, portanto se chamará Guaraci”.

Quando abriu seus olhos novamente se sentiu tonta, como se dormisse por anos, de seu sonho pouco lembrava, porém a imagem estonteante da mulher de cabelos de fogo e suas

palavras estavam gravadas em sua memória, chamava-se Guaraci agora, a mãe de tudo. Sentia-se inquieta, seu interior estava agitado como as chamas do cabelo do ser que a visitara como se um fogo invisível queimasse sua alma e espírito, estava se sufocando em terra seca. Não era capaz de lidar com tal indescritível sensação, precisa partir, o seu jardim não a satisfazia mais, e assim o fez, se esgueirou para além da aurora, acompanhada somente de suas amadas borboletas, que voavam tão rapidamente ao seu redor transformando a pureza branca da mulher em uma explosão de cores. Ela não corria mais, agora flutuava, para longe de seu lar, transformando de forma avassaladora por onde passava, deixando suas chamas paixão pela criação por onde passava fazendo com que a vida borbulhasse mais uma vez.

Não sabia mais quanto tempo correria ou quão longe estará, à sua frente estava um penhasco, interceptado por um gigantesco abismo, ao olhar para baixo seus olhos podiam somente ver a dança das nuvens que habitavam o lugar. Não fora capaz de explicar o motivo, mas algo lhe dizia que havia chegado ao seu destino, o abismo a chamava com uma doce voz que entorpeceu sua mente, sem pensar duas vezes deu um, dois, três, quatro, cinco passos e despencou no abismo, as borboletas voavam desesperadamente ao seu redor tentando em vão a segurar, quanto mais ela caía mais nublada sua mente ficava, envolvida pela neblina da terna voz que não parava de lhe chamar nem por um único segundo, apesar de cair a mulher se sentia segura, aquela voz iria lhe proteger. Subitamente aterrissou, não em dura pedra, teve uma aterrissagem macia, em um campo de girassóis, da cor do pôr-do-sol, ao tentar levantar suas estruturais pernas falharam fazendo com que ela caísse em um pequeno lago que ela nem sequer notara que havia ali, decidira ficar mais um pouco até que recuperasse suas forças, quando finalmente se pôs de pé e contemplou o seu redor seus olhos foram banhados pela mais bela visão: a visitante de seus sonhos de pele morena e cabelos incendiados a esperava em meio às grandiosas flores com uma mão erguida em sua direção como se à convidasse para uma dança.

As pernas da estrela se moveram independente do seu corpo, seus passos atrapalhados a guiaram para aquela mão, finalmente sua alma encontraria paz, assim que sua pele sentiu o calor do contato todas as suas angustias desapareceram como a neblina que desaparece com o soprar de uma leve brisa, seus olhares em chamas se encontraram no segundo em que o sol se escondeu nesse mesmo instante dando espaço à escuridão da noite, deixando o céu em seu mais escuro, uniforme e elegante tom. Nenhuma palavra precisou ser dita, o nome da mulher que estava em sua frente surgiu como uma flor que nasce na mente de Guaraci: Araci, assim como a aurora que a renova a cada novo dia.

Araci a pegou pela mão e a guiou para além dos campos de girassol, além das paisagens, além do horizonte, à levou para além do mundo, à guiou para o lençol azul do céu, flutuaram graciosamente para o além. As coloridas borboletas nascidas do suspirar da estrela voaram em direção ao firmamento se dissipando em milhares de pequenos pontos iluminados na noite. As duas mulheres brilharam como no instante em que surgiram, seus corpos inconscientemente estavam em infinito êxtase por finalmente voltarem para seu lar. Decidiram não mais voltar, ficariam ali por toda sua eterna existência, iluminando o caminho dos amantes que se encontram à luz da noite, abençoando para todo sempre sua

perfeita criação, não eram mais Araci e Guaraci, se tornaram as estrelas mais brilhantes do firmamento, as Sirius, ardendo juntas por toda eternidade.